

Autora best-seller do *The New York Times*

# Jill Mansell

Às vezes o maior segredo é o amor

DESENCONTROS  
À BEIRA-MAR



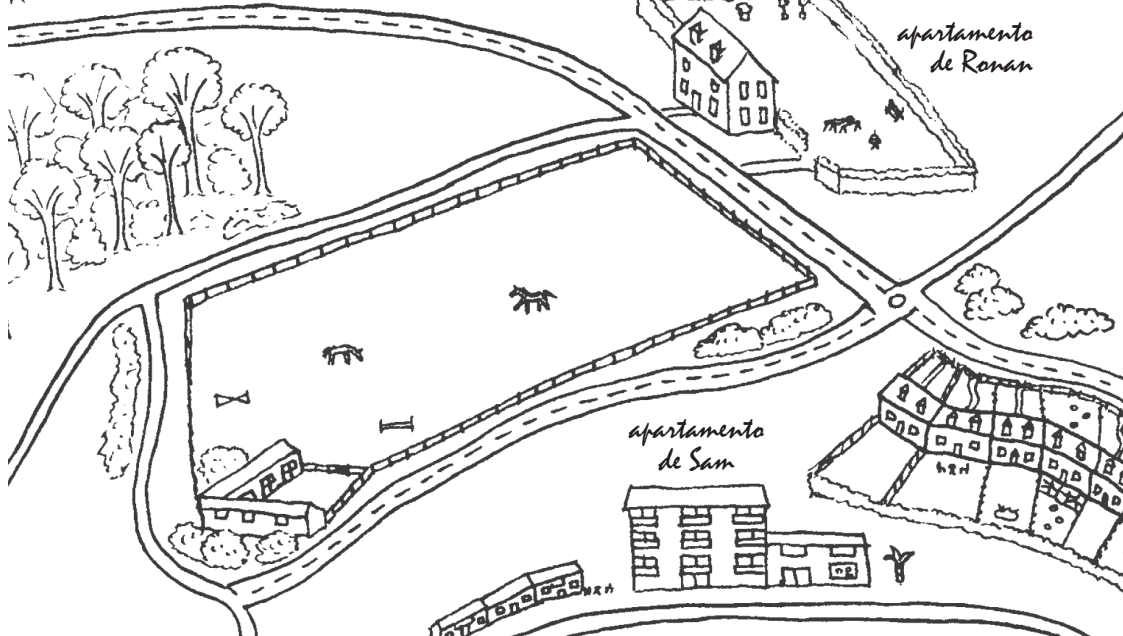
Jill Mansell

# Desencontros à beira-mar



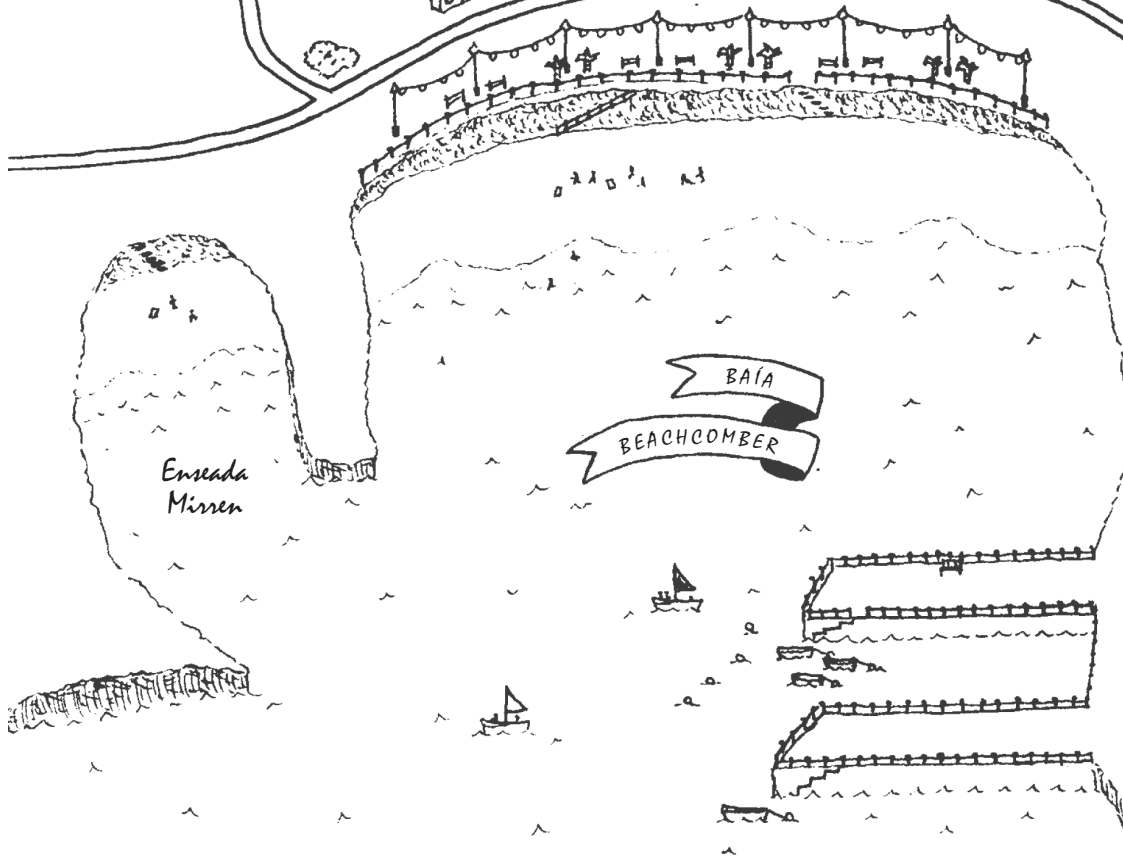
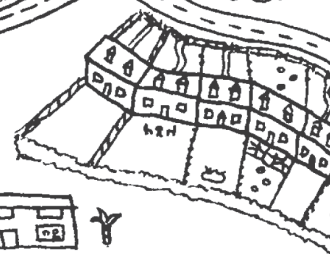
*Para Tina, com todo o meu amor.*

st☆



apartamento de Ronan

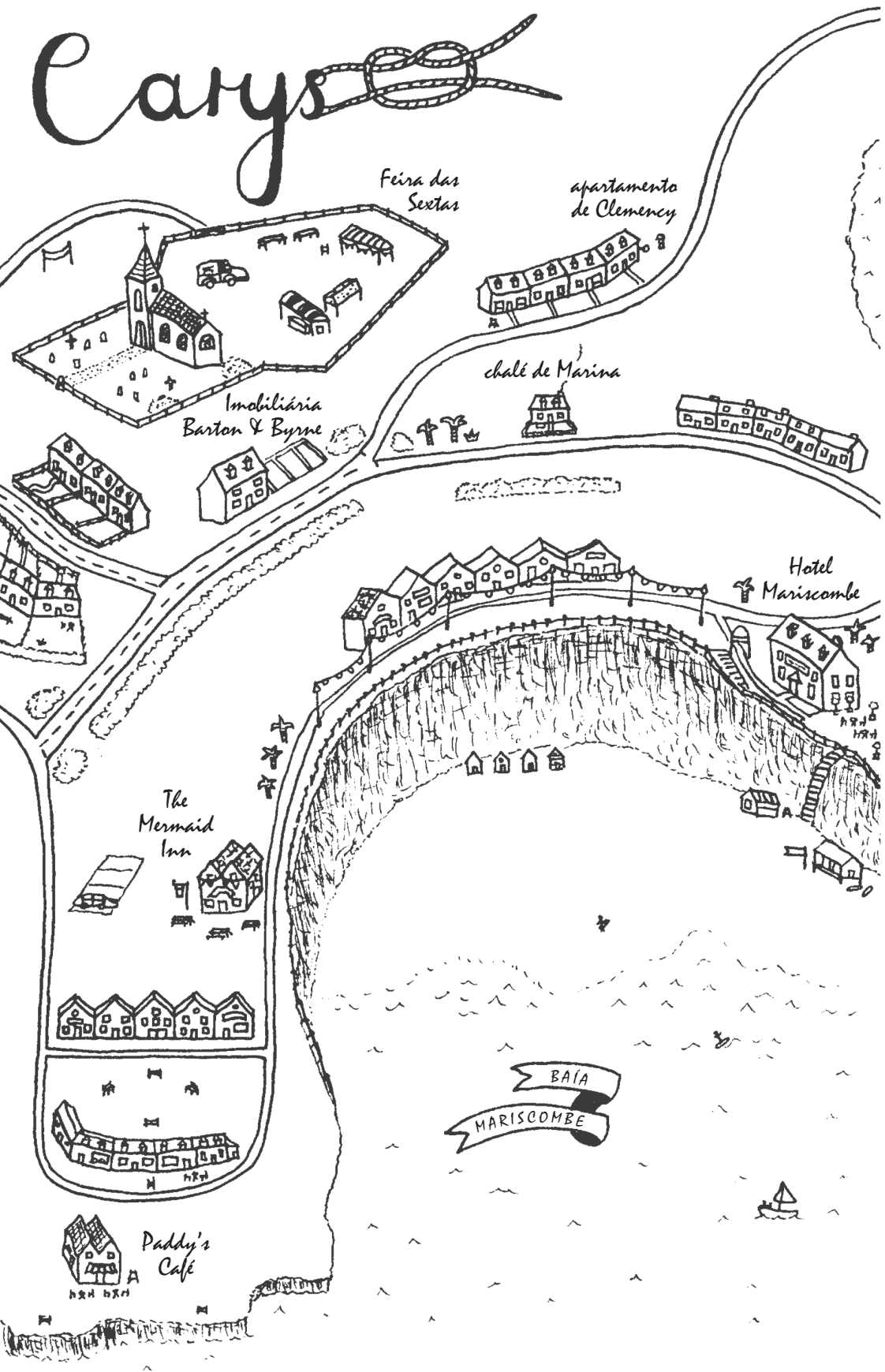
apartamento de Sam



Enseada Mirren

BAIA  
BEACHCOMBER

# Carys



Feira das  
Sextas

apartamento  
de Clemency

chale de Marina

Imobiliária  
Barton & Byrne

Hotel  
Mariscombe

The  
Mermaid  
Inn

Paddy's  
Cafe

BAIA  
MARISCOMBE



# Capítulo 1



ÀS VEZES, BASTA UMA FRAÇÃO DE SEGUNDO para um estado de calma absoluta se transformar em um momento de horror e pânico.

– Ah, coitadinho.

Clemency se virou para observar um homem de negócios com o rosto de um vermelho quase roxo e terno apertado demais correr pelo saguão do aeroporto de Málaga na direção do portão de embarque, ofegando e grunhindo e espalhando criancinhas pelo caminho.

A garota britânica que trabalhava no quiosque da Chanel no *free shop* se manifestou:

– Vou te contar, é impressionante a quantidade de pessoas que não se dá ao trabalho de olhar os painéis de informações. Ontem tinha um grupo de quinze espanhóis em um bar, e eles estavam tão ocupados assistindo a um jogo de futebol na televisão que acabaram perdendo o voo. Acredita?

– Que loucura – comentou Clemency, passando um pouco de uma sombra roxa com partículas de purpurina dourada nas costas da mão. *Linda.*

– Ah, nós vemos de tudo aqui. Tem muita gente que só chega no aeroporto quando o portão de embarque está quase fechando.

– Eu nunca faria isso. Sempre chego muito adiantada. Só assim consigo relaxar e passar um século no *free shop* experimentando todas as maquiagens – disse Clemency, alegre.

E foi por isso que ela levou mais de quarenta minutos para finalmente chegar ao caixa e pagar pelo batom novo que tinha escolhido, porque essas coisas levavam tempo, e escolher o batom perfeito era importante.

– Posso verificar seu cartão de embarque, por favor? – perguntou uma atendente de cara entediada.

Clemency olhou para a mão esquerda, a que deveria estar segurando o passaporte. O passaporte com o cartão de embarque bem guardadinho dentro.

No lugar do documento, ela segurava uma pilha de tiras de papel com amostras de perfumes, cada um borrifado com um fragrância diferente.

E foi nesse momento que a calma absoluta se transformou em horror e pânico.



– Bem na hora – disse a funcionária quando Clemency chegou correndo ao balcão do portão de embarque. – Estávamos prestes a fechar o portão!

Clemency não conseguia falar. Só queria se jogar no chão e inspirar todo o ar possível para acalmar seus pulmões em chamas, mas não havia tempo; ela já estava sendo levada pelas portas de correr e pela pista que dava no avião. A mala de rodinhas batia em seus tornozelos, um filete de suor escorria pelas costas e sua boca estava seca quando ela subiu com dificuldade os degraus barulhentos de metal, ainda hiperventilando. *Ai, meu Deus.* Ela podia muito bem imaginar a cor do seu rosto. *Um tomate ambulante.*

O comissário de bordo a cumprimentou com uma piscadela.

– Gentileza sua decidir se juntar a nós. Bem-vinda a bordo.

Sabe aquela ondinha de triunfo que você sente quando entra em um avião lotado e todo mundo já embarcou e o assento ao lado do seu está magicamente vazio... até que, no último minuto, alguém entra e você se dá conta de que não vai ter o luxo de um assento vazio ao seu lado, no fim das contas?

Clemency sabia que esse era o sentimento vivenciado naquele momento pelo passageiro do assento número 45A. Conforme foi se aproximando do 45B, ela quase conseguiu ouvir o baque da decepção e o suspiro resignado que o acompanhou.

Ah, poxa... As esperanças dele podiam ter sido cruelmente esmagadas, mas o lado bom era que ele tinha lindas maçãs do rosto e uma bela boca. Durante o voo de ida, o homem ao lado dela pesava quase o mesmo que o avião em si e passou a viagem toda comendo sanduíches de atum, então aquele ali já era uma melhora evidente.

Ainda recuperando o fôlego, Clemency abriu um grande sorriso para ele.

– Eu sei, me desculpe, eu também ficaria decepcionada.

Essa era a deixa para o homem relaxar e perceber que, no que dizia respeito a vizinhos de assento, as coisas poderiam ter sido bem piores, oferecendo assim, de forma galante, uma ajuda para colocar a mala pesada no compartimento superior.

Só que nada disso aconteceu. Ele só deu o aceno mais discreto do mundo antes de voltar a atenção para o celular.

Por outro lado, a aparência dela já tinha visto dias melhores. Talvez uma mulher de 25 anos ofegante com o rosto vermelho e suado não fosse a praia dele.

Depois de guardar a mala e fechar o compartimento, Clemency desabou no assento, secou o rosto e as mãos com um lenço de papel e examinou o pé esquerdo, mais precisamente o tornozelo, onde as rodinhas da mala bateram sem parar. Ela expirou em alto e bom som.

– Não dá para acreditar que quase perdi meu voo! Eu *sempre* tomo o cuidado de chegar bem adiantada para que nada dê errado. Tantos anos, e isso nunca tinha acontecido... Mas acho que sempre tem alguma coisa que *pode* dar errado. Como hoje. Você não imagina como me senti quando... humm...

Ela parou, humilhada, quando percebeu que o homem estava determinado a ignorá-la. Nada, nem um piscar de olhos; ele não estava *nem um pouco* interessado.

Ele podia ter uma boca bonita e excelentes maçãs do rosto, mas não tinha intenção nenhuma de travar uma conversa com a estranha ao lado.

Tudo bem. Clemency pegou o celular com estardalhaço e começou a ver os e-mails. *Olha só para mim, eu também sou muito ocupada e importante.*

Meia hora depois, quando eles estavam voando a 11 mil metros sobre os Pireneus, dois comissários de bordo passaram com o carrinho de bebidas



pelo corredor. Seu vizinho de assento retirou os fones de ouvido para falar com eles.

– Não acredito – disse Clemency, rindo da própria burrice. – Eu sou uma idiota mesmo!

O homem se virou para ela.

– Como?

– Você! Essas coisas aí! – Ela indicou os fones de ouvido na mão dele. – Fiquei falando com você antes e fui completamente ignorada, então parei de falar porque achei que você não quisesse ser incomodado. Não vi os fios porque estavam escondidos sob a gola. Mas não acredito que não percebi que você só estava me ignorando por causa dos fones. – Zonza de alívio, ela acrescentou: – Bom, acho que eu estava meio abalada com essa história de quase ter perdido o voo... Parecia que tinham jogado meu cérebro no liquidificador... Ah, minha nossa, desculpe, isso parece meio...

– Vinho tinto, por favor – pediu o homem à comissária loura.

– Claro, senhor. E a senhora? Gostaria de alguma bebida?

Era de graça. Vinho de graça! Por que alguém diria não? Só que Clemency já tinha observado em várias ocasiões que algumas pessoas, por motivos misteriosos só delas, às vezes diziam não.

Rá! Mas não ela.

– Eu queria um pouco de vinho branco, por favor. Ah... está gelado? Porque às vezes não está.

A comissária franziu o nariz e, num tom conspiratório, respondeu:

– Não muito, infelizmente.

– Prefiro o tinto, então. – Clemency sorriu. – Não tem nada pior do que vinho branco morno. – Um segundo depois, ao ver que o companheiro de viagem ia colocar os fones de ouvido de volta, ela acrescentou: – Acho que mereço uma bebida para comemorar não ter perdido o avião!

– Aqui está.

A comissária entregou para os dois as minigarrafas e os copos de plástico, junto com dois pacotes pequenos de salgadinhos de queijo.

– Perfeito. Obrigada. – Clemency encheu o copo e o ergueu na direção do homem ao lado. – Saúde!

– Saúde – murmurou o homem antes de voltar a olhar para o celular.

Às vezes, convencer alguém a conversar quando a pessoa não queria se tornava um desafio pessoal. Antes que ele voltasse a ouvir música, Clemency comentou com alegria:

– Não é sempre uma maravilha tomar um copo de vinho no avião?

– É, sim.

Ele olhou com toda a convicção pela janela.

– Eu não cheguei atrasada ao aeroporto, sabe – revelou Clemency. – Na verdade, cheguei bem antes da hora, até, e passei um tempão no *free shop*, mas só quando fui pagar descobri que tinha deixado meu passaporte em algum lugar e, juro por tudo que é mais sagrado, não conseguia lembrar de jeito nenhum onde. Ai, Deus, que sensação *horrível*. – Ela levou a mão ao peito ao relembrar a experiência traumática. – Meu coração disparou. Eu fiquei louca tentando descobrir o que tinha acontecido, e nisso as pessoas as pessoas na fila atrás de mim irritadíssimas...

Pela segunda vez, Clemency fez uma pausa, dando a ele a oportunidade de participar e dizer: “Mas o que aconteceu depois?”

Em vez disso, após um silêncio constrangedor que pareceu durar mais do que o ciclo do *Anel* de Wagner, ele respondeu:

– Mas você encontrou.

– Sim. Sim, encontrei.

Clemency assentiu e olhou para os fones que ele claramente desejava colocar de volta nos ouvidos. Com cuidado, erguendo a bandeja para sair do assento e então abaixando-a de novo para colocar o copo de vinho em cima, ela pediu licença e fugiu pelo corredor.

Como era desolador perceber que, depois de passar a vida com a certeza de que você era uma companheira de viagem perfeita, o tipo de pessoa que qualquer um gostaria de ter ao lado no avião, era possível que você estivesse enganada. Que, na verdade, você poderia ser o tipo de pessoa desagradável ao lado de quem as pessoas *tinham pavor* de se sentar.

Envergonhada, Clemency olhou para seu reflexo no espelho acima da pequena pia do cubículo do banheiro. Nossa, que descoberta humilhante. Provavelmente o coitado do homem só queria que ela calasse a boca e o deixasse em paz em vez de ficar tagarelando sobre o passaporte idiota... Ótimo, ela não diria mais uma palavra de agora em diante, nem olharia para ele.

Lição aprendida.

Ela saiu do banheiro e voltou para seu lugar. O homem ao lado olhava pela janela, para as grandes nuvens ao redor. Quando Clemency pegou o copo de vinho para levantar a bandeja e se sentar, ele se virou e perguntou:

– Quer que eu segure para você?

*Para tudo. Ele fala!*

Clemency, porém, não tinha intenção de quebrar a promessa. Com um pequeno movimento de cabeça agradecendo e dispensando a oferta, ela colocou a bolsa no chão e foi levantar a bandeja para...

*Uf...*

O sacolejar do avião foi ao mesmo tempo repentino e dramático, gerando gritinhos de susto de vários passageiros nervosos. Depois de ser jogada de lado e se chocar no assento da frente, Clemency ricocheteou de volta e sentiu o conteúdo do copo ser derramado em seu peito.

O avião voltou ao normal, os gritos e o pânico passaram e a ordem foi restaurada. Da cabine, o piloto anunciou com cordialidade pelo alto-falante:

– Pedimos desculpas por essa turbulência, senhoras e senhores. Por favor, fiquem sentados nos próximos minutos com os cintos afivelados. Estamos verificando se não há mais surpresas no caminho.

Clemency olhou para a blusa amarelo-clara de renda, encharcada de vinho tinto. O borrão estava se espalhando, se transformando em uma grande mancha na parte da frente. Claro que aquela era uma das suas roupas favoritas, porque era assim que funcionava, não era? Nunca na história se derrubou uma bebida em uma camiseta velha e esfarrapada.

– Ops, coitada – disse uma das comissárias, apressando-se pelo corredor para verificar se o cinto de segurança de todo mundo estava afivelado. – Sente-se.

– Nossa... – disse o homem ao lado quando ela se sentou.

Clemency olhou para ele, milagrosamente sem os fones de ouvido. Ela deu de ombros e sentiu o tecido molhado gelando na pele. Ai.

– Aposto que se arrependeu de não ter escolhido o vinho branco morno.

Era como estar em um filme mudo. Clemency ergueu a mão brevemente em um gesto de “tudo bem, não importa” e pegou a emocionante revista da companhia aérea no compartimento do assento à frente. Era hora de ler sobre as incríveis atrações turísticas de Málaga.

– Você... não está falando comigo?

Ah, então ele tinha reparado. Ela o encarou, uma sobrancelha zombeteira erguida.

– Como?

– Você está me ignorando de propósito porque achou que eu estivesse ignorando você de propósito?

Havia um toque de diversão na voz dele.

– De jeito nenhum – respondeu Clemency. – Só achei que você preferia não ser incomodado. Era só uma questão de educação.

Só que não saiu bem assim. Saiu *educação*.

*Ai, Deus...*

– Era só uma questão de quê? – O homem estava se segurando para não rir. – *Educação*?

– Educação.

– Você disse *educação*.

– Eu só quis dizer que tentei respeitar sua vontade – disse Clemency –, mas, como estamos sentados um ao lado do outro, decidi no último minuto falar que foi por uma questão de educação.

– Entendo – disse ele, assentindo. – Mas gostei do som de *educação*.

No mundo ideal, seria a hora de ela colocar os próprios fones e se isolar do mundo. Mas eles estavam na mala grande despachada mais cedo. Então, ela só disse “Ótimo” e voltou a atenção para a revista.

– Isso quer dizer que você voltou a me ignorar?

Dessa vez, ele estava sorrindo. Com aquela boca bonita.

– Como assim? Quer dizer que não tem problema você não falar comigo, mas eu não posso não falar com você?

Ele inclinou a cabeça e respondeu com seriedade:

– Sinto muito. Peço desculpas. Não foi minha intenção ser grosseiro, mas está claro que fui. E agora me sinto duplamente culpado. Posso ao menos oferecer metade da minha bebida?

Ele não tinha aberto sua garrafinha de vinho ainda. Quando viu que ela hesitou, indicou a blusa molhada.

– Vale a pena arriscar. O que de tão ruim pode acontecer?

Clemency estendeu o copo vazio para ele.

– Bom, o avião pode cair.

Às vezes, só às vezes, você decide que não gosta de alguém, mas a pessoa acaba surpreendendo e se mostrando um milhão de vezes mais legal do que você imaginava.

Ele se chamava Sam, ele morava em Londres e era dono e diretor de uma empresa de ti que exigia muitos voos pela Europa para visitar clientes. Assim que eles puderam soltar os cintos, ele indicou a blusa de Clemency e falou:

– Se você molhar isso antes de secar, vai ter uma chance de salvar a blusa, não? Tem alguma outra roupa para trocar?

Ela fez que não.

– Todas as minhas roupas estão na mala. Mas tudo bem.

Sam se inclinou e abriu a bolsa que tinha colocado embaixo do assento à frente. Tirou um suéter azul-marinho de gola V e o entregou a ela.

– Aqui, pode usar. Não se preocupe, está limpo. Se você passar uma água na sua blusa na pia do banheiro, talvez dê para salvar.

O suéter era incrivelmente macio. Também tinha um cheiro delicioso, como Clemency descobriu pouco depois, no cubículo do banheiro, quando o vestiu e arregaçou as mangas para lavar a blusa amarela na pia.

– E então? – perguntou Sam quando ela retornou.

Clemency colocou a blusa torcida no saco de vômito que ele estava segurando para ela e a enfiou no espaço sob o assento.

– Acho que não tem jeito, mas vamos ver. Obrigada por me emprestar seu suéter.

O cheiro da lã macia era inebriante; é sério, ela queria ficar com o nariz enfiado no tecido para sempre. Mas desconfiava que seria um pouco estranho.

O tom de Sam foi simpático.

– Não foi nada. Ficou bem em você.

– Assim que pegarmos nossas malas, eu pego outra blusa e devolvo seu suéter. – Clemency acariciou a lã. – Mas é lindo. Sabe, uma vez eu quase tive uma morte horrível por causa de um desses.

– Como foi isso?

Sam pareceu intrigado quando ela tomou um gole cuidadoso do vinho que ele tinha compartilhado.

– Era da minha irmã, e peguei sem pedir emprestado. Ela me flagrou usando e tentou arrancar de mim, e acabei caindo para trás pela janela do meu quarto. Fiquei pendurada com as mangas enroladas no pescoço.

Sam riu.

– Nesse caso, juro que não vou tentar arrancar o meu de você.

– Que alívio.

Clemency na mesma hora visualizou a cena, não sem certa malícia e excitação. *Ai, ai.*

– E quantos anos vocês tinham quando isso aconteceu?

– Ah, foi umas semanas atrás. – Ela esperou um pouco e abriu um sorriso. – Não, nossos dias de briga já ficaram para trás. A gente devia ter uns dezesseis anos.

Sam ergueu as sobrancelhas.

– Vocês duas tinham dezesseis anos? São gêmeas?

Agora que eles estavam virados um para o outro e estavam tendo uma conversa decente, ela conseguiu ver de perto que os olhos dele eram castanhos com pontinhos dourados irradiando do centro e um anel preto em volta de cada íris. Os cílios também eram pretos. Havia leves sombras violeta embaixo dos olhos e uma pintinha na têmpora direita. Quanto à boca... bem, continuava bonita.

Na verdade, estava ficando mais bonita a cada minuto.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

